

APPLAVSOS LVSITANOS

Da vitoria

DE MONTES CLAROS.

Que tiueram os Portuguezes contra os Castelhanos, em 17. de Junho de 1665.

Dia do Glorioso Martyr *R. G.* 7372

S A M T V D E: OFERTA

CVJA SAGRADA IMAGEM SE VENERA
em Sam Vicente de Fora. A qual trouxeram a este
Reyno os Francezes quando vieram ajudar ao
Christianissimo Rey D. Affonso Henriques
a tomar Lisboa aos Sarracenos.



*Por D. Leonardo de Sam Ioseph, Conego Regular de
S. Agoſtinho, Pregador de S. Mageſtade.*

EM LISBOA

#

Com todas as licenças neceſſarias.

Por Domingos Carneiro, Anno 1665.

APPLAUSOS
LVSITANOS

DE MONTES CLAROS.

Quo die...
Quo die...
Quo die...
Quo die...
Quo die...

SAMVDE

VIA SACRA IMAGINE SE VENERA
Quo die...
Quo die...
Quo die...
Quo die...
Quo die...



EM LISBOA

Com todos os direitos reservados
Per Domingos Candeiro Anno 1875

C A N C A M



Anto o feliz successo, & a gloria canto
 Das Portuguezas forças mais que humanas,
 Que pondo a Marte espanto
 Obraraõ contra as armas Castellhanas;

Marauilhas em armas singulares

Que escurecem os feitos militares

D' aquelles doze Pares belicosos

Que fingiram os liuros fabulosos.

Canto os Herões sublimes, & preclaros,

Cujo braço, & valor tanto se apura

Na vitoria fatal de Montes Claros,

Que vitorias a montes nos segura.

De sorte que investido

Do braço Portuguez forte, & valente,

Desbaratado foy, sendo vencido,

O Castellhano exercito potente

Com tanta mortandade, que concedo

Que espanto a mortos faz, a viuos medo.

Vòs diuino Frances, Pastor diuino,

Que a Pastoral diadèma matizastes

Sobre carmesi fino

De sangue que por Christo derramastes;

Milagroso Frances, Martyr San-Tude,

Que a toda infirmitade dais saude,

Vosso fauor imploro nesta empreza

Digna da valentia Portugueza
Para cantar o nome Lusitano
Por toda a redondeza conhecido,
Que em belicos encontros forte, & ufano
Sémpre foy vencedor, nunca vencido.
E pois com tal vitoria
Déstes a Portugal o melhor dia
No dia em que cantamos vossa gloria,
Em vós tenho Caliope, & Thalia
Para dar, se tiuer engenho, & arte,
Parte desta vitoria, a toda parte.

Era já quando Phebo com seus rayos
Pera o Meridiano caminhaua,
Deixando entre desmayos
Os lyrios, & jasmins que a calma agraua,
Tres horas faltariam cabalmente
Para estar no Epificlo o Sol ardente:
E na campanha azul o Cam latia
Porque entam começaua arder o dia,
Quando já neste tempo se auistauam
Os dous contrarios Generaes guerreiros,
Que como Herôes sublimes, desejavam
Nos perigos da guerra ser primeiros:
Já no campo de Marte
A Lusitana armada, illustremente
Se começa a formar com belica arte,

Buscando o mayor risco, o mais valente,
Que o valor Portuguez contra o inimigo
He mayor muytas vezes que o perigo.

De varias regioens, de varias partes
Juntou Castella exercito luzido,
Que com todas as artes
Inuadir Portugal tem pretendido:
De todo Flandes vem, de todo Imperio
Nas guerras militar, deste emisterio,
Porem vida aos soldados nam seguro
Pois que seguem de Marte o officio duro.
Deste potente exercito a grandeza
Quatorze mil infantes ostentaua,
Conduzidos de toda a redondeza
Que desta guerra o termino esperaua.
Cobrem campos & montes
Mais de sete mil homens de cavalo
Que prezumem ufanos de Faetontes,
E com Grifos ligeiros os igualo;
Batalha nos presenta; oh quanto hei medo
Que os Leoens, como Lobos fujão cedo!

Aceitam a batalha os Portuguezes
Que na primeira marcha lhe apresenta,
Que a razam muytas vezes
Vence, ao que sem razam vencer intenta;
Nam fica o nosso exercito turbado,

Desto belico encontro inopinado,
Mas com finais festiuos de alegria
Aplaudiram o encontro deste dia.
Derão final de guerra, tocam arma,
(Quantos aqui perderam a cor, & o gesto)
Armase cada hum, & tudo se arma,
Que o Portuguez nam tem temor funesto.
Já bandeiras brilhantes
Tecidas com primor, de varias cores,
Tremolam pellos ares inconstantes,
Nam se ouuem senam vozes de atambores,
E os eccos dos clarins, que tocam & soaõ,
Ferem os Ceos, & toda a terra atoaõ.

Começam de inuistir pella vanguarda
Da armada Portuguez constante, & forte,
E os que a sorte nam guarda
Tiueram neste encontro infausta sorte,
Que estes que o corno esquerdo nos romperãõ
As mãos dos Portuguezes pereceraõ
E pera elles nam foy (como sentiraõ)
De Amaltea, este corno que inuistiraõ.
Sae por bocas de fogo o globo ardente
[Fazendo seu officio os artilheiros]
Leuando pellos ares de repente
Caualllos juntamente, & caualleiros.
Em fim tanto se atea
Na Ethérea regiam, com fumo tanto, Que

Que obscurece de todo a luz Febèa
Mais que nocturna sombra com seu manto,
E as peças fuzilando, parecião
Exalaçoens da noite que corrião.

Andava pois a guerra muito aceza,
Carregava o inimigo fortemente
Agente Portugueza
Com nam pouca ouzadia, & muita gente,
Pretendendo chegar até dar salva:
Ao Planeta, que he Sol de Marialva:
Oh valente Marquez, Marte guerreiro,
Que nam tendo segundo, nem primeiro,
Brandindo a espada, & os punhos apertando,
Iuntando os terços pois, nesta avançada
Com os Cabos chegastes pelejando,
E na folha escreueis da branca espada
A sentença de morte
Que intimais aos Hispanos; pois bem sabem
Que nam ficou em branco desta sorte,
Ià que nestes louvores que vos cabem
Soubestes alcançar agloria humana
Fazey por nam perder a soberana.

Começou se a trauar a dura guerra,
Estremecem os vales mais profundos,
Está tremendo a terra
Pizada dos cauallos furibundos,

Daõse encontros, & golpes tam medonhos
Que alguns gostaraõ logo eternos sonhos,
Outros ao Portuguez temem de sorte,
Que mais morrem de medo, que da morte;
Rompemse aqui dos nossos os primeiros
Carregados dos muytos que os inuistem,
A focorrellos vem os Caualleiros
Derribando, & ferindo aos que resistem,
Este, o cauallo mata,
Aquelle, dá quartel aos já rendidos,
Jã no campo cuberto de escarlata
Huns caem mortos, os outros mal feridos,
E as cabeças dos corpos apartando
Pello meyo do campo vam saltando.

Andaua esta batalha sanguinosa
Entre os dous combatentes muy renhida,
Nesta furia espantosa
Qual antes de fugir, lhe foje a vida,
E qual fica sem braço, outro sem pernas,
Mas se algum se occultaua entre as cauernas
Do valle, onde cuydaua que escapaua
No sangue que corria se afogaua;
Os feridos ferindo o Ceo com vozes
Blasfemando da guerra, aqui perecem,
Que tendo cutiladas tam ferozes
Do braço Portuguez, logo parecem.
No campo desta guerra

O caual-

O cavallo sem dono vai correndo,
O dono sem cavallo jaz na terra,
Outro recebe hum golpe tam horrendo,
Que ficando huma parte no cavallo,
Outra parte foi dar, dentro no vallo.

Ascendeose a batalha rigurosa,
Porque esteue a vitoria clara, & bella,
Hum pouco duuidosa,
Mas nam quiz declarar-se por Castella,
Até que a portugueza valentia
Contra quem o inimigo subsistia
Aclamando vitoria, o desbarata;
Iá deixa o campo, & sò de fugir trata,
Emprestalhe o temor da dura morte
Azas, em vez de pés para a fugida,
Que se azas lhe nam dera desta sorte
Nam pudèra escapar hum só com vida.
Deste modo fugindo
Correndo â disfilada, foge, & voa,
Na côla, o Portuguez o vai seguindo
Que a toda cousa viua nam perdoa,
Braços, pernas, cabeças, tudo corta
Sò lhe pára diante a gente morta.

Com lamentauel fim, termino horrendo
Teatro foy da morte esta campanha,
Tragedia infauستا sendo

Pois

Poisda armada a campal que trouxe Espanha
Ficaraõ mortos na campanha fria
Mais de quatro mil homens neste dia,
E mais de sinco mil os prifioneiros
Entre Espanhoes, & varios Estrangeiros,
Ficando aprifionados, & rendidos
Nesta guerra de Espanha abominada,
Cento & nouenta Cabos conhecidos,
Que nos Cabos se perde muyta armada.
E com tam dura guerra
Ficam no campo tantos sepultados,
Que os naturaes da Transtagana terra
As aves já nam gostam de enfarados,
Que pois nos corpos se apascentam graves
Tem o sabor, de corpo humano, as aves.

Tingindo o campo, & purpureando as flores
Corre por todo o campo o sangue frio,
Perdem estas as cores
De ver correndo o sangue como rio,
Troca o campo tambem, quando a cor perde,
Em puro carmesim, o branco verde.
Iã neste tempo o Sol no Occazo estaua,
E nos braços de Thetis descançaua:
No campo o vencedor alegre fica
Celebrando os applausos desta gloria,
Os despojos recolhe, & preza rica
Que no campo ficou desta vitoria.

E Vós, ô Lusitanos,
Dignos de immortal fama, & nome eterno,
As armas suspendei, que os Castellanos
Por decreto diuino, & sempiterno,
A Portugal nam tornam, nem he cruél
Que passem os limites do possiuel.



